

**c h i g u b o**

**TÍTULO:** Chigubo

**AUTOR:** José Craveirinha

Capa: José Pádua

1.<sup>a</sup> Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1963

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.<sup>a</sup> Edição: Associação dos Escritores Moçambicanos.

Minerva Central, Maputo 1995

3.<sup>a</sup> Edição: União das Cidades Capitais de Língua

Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da

1.<sup>a</sup> edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo

Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2015

Depósito Legal: 378 497/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

JOSÉ CRAVEIRINHA

**c h i g u b o**

*LISBOA  
MCMLXIV*

## COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

### SÉRIE LITERATURA

- N.º 1 — *Amor*, de M. António (esgotado)
- N.º 2 — *A Cidade e a Infância*, de Luandino Vieira (esgotado)
- N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960), de Arnaldo Santos (esgotado)
- N.º 4 — *Poemas*, de Viriato da Cruz (esgotado)
- N.º 5 — *Poemas de Circunstância*, de António Cardoso (esgotado)
- N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras*, de Costa Andrade (esgotado)
- N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima.
- N.º 8 — *Poemas*, de Agostinho Neto (esgotado)
- N.º 9 — *Poemas*, de António Jacinto (esgotado)
- N.º 10 — *Poesias*, de Alexandre Dáskalos (esgotado)
- N.º 11 — *Poesia Angolana*, de Tomaz Vieira da Cruz
- N.º 12 — *Diálogo*, de Henrique Abranches
- N.º 13 — *Caminhada*, de Ovídio Martins
- N.º 14 — *Chigubo*, de José Craveirinha

### SÉRIE ETNOGRAFIA

- N.º 1 — *Cancioneiro Popular Angolano* (subsídio) de Gonzaga Lambo

### SÉRIE ENSAIO

- N.º 1 — *Literatura Angolana* (resenha histórica) de Carlos Ervedosa
- N.º 2 — *Consciencialização na Literatura Cabo Verdiana*, de Onésimo Silveira

A poesia de José Craveirinha distingue-se pela utilização de uma linguagem que vai directamente ao fundo do problema e que articula os problemas específicos do mundo moçambicano numa zona do conhecimento que se caracteriza pela sua força dialéctica.

Deste modo cada um dos versos, cada uma das palavras, contém uma carga emotiva e ao mesmo tempo ligada ao teor do real, que permite ao leitor uma tomada de contacto íntimo com a substância íntima de um homem moçambicano, que se distingue pela sua inclusão num quadro social perfeitamente determinado.

Deste modo o poeta é não já o simples fazedor de versos, mas antes um homem participante, que conhece o valor de cada coisa nas suas relações com o homem e procura estruturar, na veemência da palavra, um caminho para o futuro.

## manifesto

Oh!

Meus belos e curtos cabelos crespos  
e meus olhos negros  
grandes luas de pasmo na noite mais bela  
das mais belas noites inesquecíveis das terras do Zambeze.  
Como pássaros desconfiados  
incorruptos voando com estrelas nas asas  
meus olhos enormes de pesadelos e fantasmas estranhos  
[motorizados  
e minhas maravilhosas mãos escuras como raízes do cosmos  
nostálgicas de ritos de iniciação  
duras na velha rota das canoas da tribo  
e belas como carvões de micaia na noite das quizumbas.

E minha boca de lábios túmidos  
cheios da bela virilidade ímpia de negro  
mordendo a nudez lúbrica de um pão  
ao som da orgia dos insectos urbanos  
apodrecendo a manhã nova  
com a cega-rega inútil das cigarras obesas.

Oh! e meus dentes brancos de marfim  
puros brilhando na minha negra reincarnada face altiva.

E no ventre maternal dos campos da nossa indisfrutada colheita  
[de milho  
O cálido encantamento selvagem da minha pele tropical.

Ah!

E meu corpo flexível como o relâmpago fatal da flecha de caça  
E meus ombros lisos de negro da Guiné  
E meus músculos tensos e brunidos ao sol das colheitas e da  
[carga  
na capulana astral de um céu intangível  
com búzios soprando os velhos sons cabalísticos de África.

Ah!

O fogo, a lua, o suor amadurecendo os milhos  
A irmã água dos rios  
E a púrpura do nascente no gume azul dos seios das montanhas.

Ah, Mãe África no meu rosto escuro de diamante  
de belas e largas narinas másculas  
frementes haurindo o olor florestal  
e as tatuadas bailarinas macondes  
nuas  
na bárbara maravilha eurítmica das negras ancas sensuais  
e no bater unísono dos pés descalços.

Oh! e meu peito da tonalidade mais bela do breu  
e no imbondeiro da minha inaudita esperança gravado o tótem  
[do Mundo  
e minha voz estentórea de homem do Tanganhica  
do Congo, Angola, Moçambique e Senegal.

Ah! Outra vez eu chefe zulo  
eu zagaia banto  
eu lançador de malefícios contra as pragas insaciáveis  
[de gafanhotos  
eu tambor, eu suruma, eu negro suaíli  
eu Tchaca  
eu Mahazul e Dingana  
eu Zichacha na confiança dos ossinhos mágicos do Tinho  
eu árvore da Munhuana  
eu tocador de presságios nas teclas das timbilas chopes  
eu caçador de leopardos  
eu batuque  
e nas fronteiras de água do Rovuma ao Incomáti  
eu cidadão dos espíritos das velhas luas  
carregadas de anátemas de Moçambique.

## msaho de aniversário

Negro chope  
subnutrido canta na noite de lua cheia  
e na timbila de ânforas de n'sala  
toca audível msaho da virgem tonga.

E borboleta amarela  
no estrénuo palpitar das asas  
sòzinha escreve na atmosfera agrimensurada  
a fábula incrível das novas casas estranhas  
e dos minérios sempre descobertos pelos outros  
nas minhas terras familiares de shingombela  
ao norte e ao sul do rio  
agora chamadas *claim*.

E tu continuarás  
mesmo assim  
no teu dúbio silêncio.

Mas eu  
do primeiro ao último invendido cromossoma  
desnutrido moçambicano da cabeça aos pés  
da concessão dos alvarás de exploração dos jazigos de Moçambique  
e da tua conforme cobardia



farei para ti em mil novecentos e sessenta e um  
inteiro o som  
e completa a fúria  
desta minha inexorável  
impoética poesia.

## **i m p r e c a ç ã o**

... Mas põe nas mãos de África o pão que te sobeja  
e da fome de Moçambique dar-te-ei os restos da tua gula  
e verás como também te enche o nada que te restituo  
dos meus banquetes de sobras.

Que para mim  
todo o pão que me dás é tudo  
o que rejeitas, Europa!

## **p o e m a   d o   f u t u r o   c i d a d ã o**

Vim de qualquer parte  
duma Nação que ainda não existe.  
Vim e estou aqui!

Não nasci apenas eu  
nem tu nem nenhum outro...  
mas irmão.

Tenho amor para dar às mãos cheias.  
Amor do que sou  
e nada mais.

Tenho coração  
e gritos que não são meus somente  
venho dum país que ainda não existe.

Ah! Tenho amor a rodos para dar  
do que sou.  
Eu!  
Homem qualquer  
cidadão dum Nação que ainda não existe.

## á f r i c a

Em meus lábios grossos fermenta  
a farinha do sarcasmo que coloniza minha Mãe África  
e meus ouvidos não levam ao coração seco  
misturada com o sal dos pensamentos  
a sintaxe anglo-latina de novas palavras.

Amam-me com a única verdade dos seus evangelhos  
a mística das suas missangas e da sua pólvora  
a lógica das suas rajadas de metralhadora  
e enchem-me de sons que não sinto  
das canções das suas terras que não conheço.

E dão-me  
a única permitida grandeza dos seus heróis  
a glória das suas cidades de pedra e dos seus Rolls Royce  
e a dádiva quotidiana das suas casas de passe.  
Ajoelham-me aos pés dos seus deuses de cabelos lisos  
e na minha boca dilui-se  
o abstracto sabor da carne do trigo  
em milionésimas circunferências de pão.

E em vez dos velhos amuletos de garras de leopardo  
vendem-me a sua bênção

a vergonha de uma certidão de filho de pai incógnito  
uma sessão de «strip-tease» e meio litro  
de vinho tinto com graduação de álcool de branco exacta para  
[negro  
um gramofone de magaíza  
um filme de heróis de carabina a vencer traíçoeiros  
selvagens de penas e flechas  
e o ósculo das balas e dos gases lacrimogéneos  
civiliza o meu casto impudor africano.

Efígies suspendem ao meu pescoço  
rodelas de latão em vez dos meus  
autênticos mutovanas da chuva e da fecundidade das virgens  
do ciúme e da colheita de amendoim novo.  
E aprendo que os homens que inventaram a cadeira eléctrica  
a técnica de Buchenwald e as bombas V2  
acenderam fogos de artifício nas pupilas de ex-meninos vivos de  
[Varsóvia  
criaram Al Capone, Hollywood, Harlem  
a seita Ku-Klux-Klan, Cato Mannor e Sharpeville  
e emprenharam o pássaro que fez o choco  
sobre o ninho morno de Hiroshima  
conheciam o segredo das parábolas de Charlie Chaplin  
lêem Platão, Marx, Gandhi, Einstein e Jean Paul Sartre  
e sabem que Garcia Lorca foi assassinado  
são os filhos dos monstros que descobriram a Inquisição  
e perverteram de labaredas a crucificada nudez de Joana D’Arc  
e vêm arar os meus campos com charruas «made in Germany»  
mas já não ouvem a subtil  
voz das árvores nos ouvidos surdos do espasmo das turbinas

não lêem no meu livro das nuvens o sinal das cheias e das secas  
e nos seus olhos ofuscados pelos clarões metalúrgicos  
extinguiu-se a eloquente epidérmica beleza de todas as flores  
e já não entendem o gorjeio romântico das aves de casta  
instintos de asas em bando nas pistas do éter  
infalíveis e simultâneos bicos trespassando sôfregos  
a infinita côdea impalpável do céu.

E no colo macio das ondas não adivinham os vermelhos  
sulcos das quilhas negreiras,  
e não sentem como eu o prenúncio mágico sob os transatlânticos  
da cólera das catanas de ossos nos batiques do mar.

E no coração deles a grandeza do sentimento  
é do tamanho cow-boy do nimbo dos átomos  
desfolhados no duplo *rodeo* aéreo do Japão.

Mas dos verdes caminhos oníricos do desespero  
perdoe a bela civilização do sangue  
ouro, marfim, ámen  
e bíceps do meu povo.

E ao som másculo dos tantãs tribais  
o eros do meu grito fecunda o húmus dos navios negreiros...

E ergo no equinócio da minha terra  
o rubi do mais belo canto xi-ronga  
e na insólita brancura dos rins da plena madrugada  
a carícia dos meus dedos selvagens  
é como a tácita harmonia de azagaias no cio da raça  
belas como falos de ouro  
erectos no ventre nervoso da noite africana.

## **ode a uma carga perdida num barco incendiado chamado save**

Quantos morreram nos porões?  
Os que estavam lá e nós.

### I

O barco era grande  
era grande o barco mas não chegava.  
Os porões eram enormes  
eram enormes os porões mas não chegavam.

Os beliches eram muitos  
eram muitos os beliches mas não chegavam  
e o barco encalhou.

Mas a mercadoria disciplinada coube  
e quando o grande barco da Companhia encalhou  
a carga de fardos de caqui e botões doirados  
inteira renunciou.

Mas não desesperem mães  
não fiquem tristes pais e amigos e irmãos  
não molhem de lágrimas de adeus os lenços brancos  
noivas idílicas e entristecidas irmãs.

O barco estava seguro  
e segurada estava a carga perdida  
sobre os salgados seios eróticos do mar.

Não fiquem tristes noivas  
não desesperem velhos pais, amigos e irmãos  
cobertos estavam os prejuízos da Companhia  
armadora do barco que veio três dias  
na primeira página dos jornais  
e não veio mais.

Sob as escotilhas  
a carga não tinha história  
nem nada de novo no registo biográfico do livro de bordo.

Eram filhos e irmãos  
negros, brancos chineses e mulatos  
noivos e jogadores de futebol  
e soldados quase  
com fotografias tipo passe numeradas  
casacos de caqui e botões amarelos  
olhos sem perguntas metafísicas  
bocas sem dialécticas  
cantores de «rock'n roll»  
todos belos da juventude absurda  
com que juntos partiram quase homens para um destino de búzios  
vestidos com a mesma inclemente  
púrpura do cio das munições.

## II

Quem foi que gritou?  
foi a carga.



Quem foi que ardeu?  
foi a carga.  
Quem foi que explodiu?  
foi a carga.  
Quem foi que desapareceu?  
foi a carga.

A carga consumiu as forças  
últimas dos braços e das pernas ardidadas  
últimas dos olhos vítreos e das mãos queimadas  
últimas dos gritos consumidos pelas chamas  
últimas da suruma nos hiatos de agonia.

Oh, a carga libertou as forças todas nos porões  
ao som dolente das ondas e da brisa dos palmares de Quelimane  
com o casco mordendo as rochas duras do mar  
e ao ritmo maravilhoso do tropel dos vivos no convés  
a carga partiu as unhas  
sangrou as mãos na miragem do portaló  
e renunciou sem ver a imaginada  
verde paisagem prometida.

### III

Vinham nos beliches os homens  
Vinham nas tarimbas os homens  
Vinham nos camarotes os homens  
e a carga que ardeu na manhã de água  
foi dos beliches  
e das tarimbas  
foi da mercadoria que gritou em vão  
no horror da sepultura de sal e ferros em brasa

com as mães e as irmãs  
os pais e os irmãos  
as noivas e os amigos  
viajando no lado esquerdo do dólmen de caqui  
com botões amarelos como estrelas na noite  
fatal da rota ensanguentada do mar.

Vinham nos beliches e nas tarimbas  
os passageiros  
quase soldados  
quase maridos  
quase noivos e quase homens  
e quase crianças na memória viva das caçadas aos gala-galas  
e juntos se apertaram fraternalmente  
nas paredes verticais excessivamente mornas  
do zodíaco tropical da morte.  
E juntos uniram as vozes derradeiras  
na derradeira compreensão  
e juntos cuspiram o mesmo desprezo de fumo e de fogo  
e rangeram os dentes na mesma alegria biológica  
lúdica do extinto amor sem nexos.

Vinham nos beliches e nas tarimbas  
e juntos pediram paz  
e juntos desembarcaram no cais do silêncio absoluto  
sem cinturões de cabedal cingindo os rins  
e com a névoa dos olhos das velhas mães  
dos velhos pais e dos amigos da infância recente  
a névoa dos olhos das belas noivas e dos irmãos  
nos minutos infinitos de saudade  
na hora enigmática dos tições de braços e de gritos  
com os belos botões amarelos das fardas brilhando  
metálicas flores únicas desabrochando no zenite de pólvora  
e munições estoiradas na vala comum dos porões.

## IV

Vinham nos beliches  
e nas tarimbas dos porões  
os belos meninos quase homens  
que encheram de névoa os olhos das velhas mães  
cavaram mais fundo as rugas dos velhos pais  
dos velhos amigos de vinte anos  
e das noivas e dos irmãos  
o luto nas parangonas dos jornais  
os rostos nas fotogravuras tipograficamente nítidas  
olhando-nos com os mesmos olhares absortos  
de adolescentes mortos  
que já não envelhecem mais.

Não tinha história  
a carga que ardeu nas entranhas do monstro  
das líquidas florestas vingativas do mar.

Rostos brancos  
escuros e morenos  
cabelos crespos e lisos  
ficaram no mesmo dia terrível do navio encalhado  
da mesma cor mitológica das papoilas  
e da exacta dimensão integral  
da mesma morte saciada  
na carga  
do porão infernal do barco incendiado.

# chigubo

*Para Claude Coufon*

Minha mãe África  
meu irmão Zambeze  
Culucumba! Culucumba!

*Chigubo* estremece terra do mato  
e negros fundem-se ao sopro da *xipalapala*  
e negrinhas de peitos nus  
levantam os braços para o lume da irmã lua  
e dançam as danças do tempo da guerra  
da velha tribo da margem do rio.

Ao tã-tã do tambor  
o leopardo fugiu  
e na noite de assombrações  
brilham alucinados  
os olhos dos homens  
e o fio azul do aço das catanas.

Dum-dum  
tã-tã!  
E negro Maiela

músculos tensos na azagaia rubra  
salta a fogueira amarela  
e dança as danças do tempo da guerra  
da velha tribo da margem do rio.

E a noite desflorada  
abre o sexo ao orgasmo do tambor  
e a planície arde luas  
no feitiço viril do xicuembo das catanas.

Tã-tã!  
e os negros dançam o ritmo de lua nova  
rangem os dentes na volúpia do *chigubo*  
e provam o aço ardente das catanas ferozes  
na carne sangrenta da micaia grande.

E as vozes rasgam o silêncio da terra  
enquanto os pés batem  
enquanto os tambores batem  
e enquanto a planície vibra os ecos milenários  
os negros  
dançam as danças do tempo da guerra  
da velha tribo da margem do rio.

1958

## s u b i d a

Preço de açúcar e farinha  
subiu  
ai a passividade animal!

Preço de amendoim subiu  
subiu preço de «gogogo» de água;  
ai a passividade animal!

Guindaste matou «mavique» na ponte-cais  
«Djimizhana» morreu na roda do camião  
«riquexó» não pára na ilha de Moçambique  
«m'gaíza» não voltou das minas do Jone  
ai a passividade animal!

Patrão bateu, bateu:  
— «cão narro que te mato»!  
Mamana foi no porão para S. Tomé  
«shipakana» trabalhou na Administração  
ai a passividade animal!

A «machamba» encheu-se de milho  
preço de milho subiu.  
O campo cobriu-se de algodão

preço de capulana subiu  
subiu preço de «chiganda-bongolo»  
ai a passividade animal!

Arroz de Gaza apodreceu nos armazéns  
na Zambézia a seca rebentou barrigas negras  
ai a passividade animal!

Preço de pão subiu  
leite subiu  
E a carne também subiu  
tudo subiu  
subiu como um Incomáti na raiva da cheia...  
Ai a passividade animal!

## **m u l a t a   m a r g a r i d a**

Eu tenho uma lírica poesia  
nos cinquenta escudos do meu ordenado  
que me dão quinze minutos de sinceridade  
na cama da mulata que abortou  
e pagou à parteira  
com o relógio suíço do marinheiro inglês.

Mulata Margarida  
da carreira do machimbombo treze  
de cabelo desfrizado com ferro e brilhantina  
fio de ouro com medalha de um misericordioso  
Deus Nosso Senhor do patrão  
e tu Joaquim chofer do táxi castanho  
sabem que eu sou bom freguês  
três dias apenas depois do fim do mês.

E corpo moreno de mulata Margarida  
é vestido de nylon que senhor da cantina pagou  
é quinhenta de chá  
arroz e molho de amendoim  
de Zeca Macubana que herdou olhos azuis  
das românticas noites  
de jazz



nos bares da Rua Araújo  
enquanto a cinta elástica suspende  
o ovário descaído.

E eu sei poesia  
quando levo comigo a pureza  
da mulata Margarida  
na sua décima quinta blenorragia.

*Maio de 1959*

## j a m b u l

Jambul

vibrou a sua azagaia na última caçada  
e cantou os últimos hinos de guerra do seu povo.  
Foi derrotado Jambul  
e começou legalmente o tráfico.

Na cidade

Jambul varre o lixo, limpa dejectos de fossas  
e roja-se nos campos de algodão  
pisado até ao fundo da sua alma  
e diz baieté!!!  
e o tráfico de Jambul o segundo homem  
continua.

Prenhe

a negra geme a sua missão de fêmea  
e no seu mundo fechado de um «xicwembo» de mil caras  
enche-se de tráfico  
como um «pongol» fermentado de «uputo»  
enche-se até que renasça  
finalmente do seu ventre  
Jambul o homem da redenção.

## g r i t o   n e g r o

Eu sou carvão!  
E tu arrancas-me brutalmente do chão  
e fazes-me tua mina, patrão.

Eu sou carvão!  
E tu acendes-me, patrão  
para te servir eternamente como força motriz  
mas eternamente não, patrão.  
Eu sou carvão  
e tenho que arder, sim  
e queimar tudo com a força da minha combustão.  
Eu sou carvão  
tenho que arder na exploração  
arder até às cinzas da maldição  
arder vivo como alcatrão, meu irmão  
até não ser mais a tua mina, patrão.  
Eu sou carvão  
Tenho que arder  
queimar tudo com o fogo da minha combustão.  
Sim!  
Eu serei o teu carvão, patrão!

## s a n g u e   d a   m i n h a   m ã e

*Xipalapala* está chamar  
oh, sangue de minha mãe  
*chigubo* vai começar  
*chigubo* vai rebentar  
oh, *xipalapala* está chamar sangue de minha mãe!

Ah, sangue de minha mãe  
*chigubo* está chamar  
*chigubo* está chamar com força de batuque  
eu vou entrar no *chigubo* com João, Tembe, Chang, Mussagi  
e dançar no *chigubo*  
sangue de minha mãe com sangue de toda gente.

Pode vir renegado sipai João «Mulato»  
com *nonga dele* escondida nas costas  
pode vir chuva de pedra açoitar os rins dos tambores  
pode vir asa de fogo dos escaravelhos de feitiço zumbir  
[minha cabeça  
e podem vir todos guardas montados em negros cavalos  
[de cascos de ódio  
pisar minha barriga mais outra vez  
mais outra vez  
oh, sangue de minha mãe

*xipalapala* está chamar  
está chamar  
está chamar!

E o mato dos *xipenhe* vai acordar  
sangue de minha mãe!  
Oh, sangue de minha mãe  
o mato dos *xipenhe* vai finalmente acordar  
e gritar no ronga da grande fogueira  
gritar sangue de minha mãe!

*Xipalapala* está chamar  
*Culucumba* de minha mãe está rezar bíblia de xibalo  
ah, mato vai acordar  
*chigubo* vai começar  
ah... sangue de minha mãe *chigubo* vai começar  
e cólera de *xipalapala* vai cruzar todos caminhos do rio e do mar  
gritar e suar no *chigubo* de Moçambique  
sangue de minha mãe!

## hino à minha terra

O sangue dos nomes  
é o sangue dos nomes.  
Suga-o também se és capaz, tu  
que não os amas.

Amanhece  
sobre as cidades do futuro.

E uma saudade cresce no nome das coisas  
e digo Metengobalame e Macomia  
e é Metengobalame a cálida palavra que os negros inventaram  
e não outra Macomia.

E grito Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!  
E torno a gritar Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!  
E outros nomes da minha terra  
afluem doces e altivos na memória filial  
e na exacta pronúncia desnudo-lhes a beleza.

Chulamáti! Manhoca! Chinhambanine!  
Morrumbala, Namaponda e Namarroi  
e com o vento a agitar sensualmente as folhas dos canhoeiros  
eu grito Angoche, Marrupa, Michanfutene e Zóbuè  
e colho as sementes do cutilho e a raiz da txumbula  
e mergulho as mãos na terra fresca de Zitundo.

Oh, as belas terras do meu áfrico país  
e os belos animais astutos

ágeis e fortes dos matos do meu país  
e os belos rios e os belos lagos e os belos peixes  
e as belas aves dos céus do meu país  
e todos os nomes que eu amo belos na língua ronga  
macua, suaíli, changana,  
xítsua e bitonga  
dos negros de Camunguine, Zavala, Meponda, Chissibuca  
Zongoene, Ribáuè e Mossuril.

— Quissimajulo! Quissimajulo! Gritam as bocas autênticas no  
[hausto da terra.

— Aruângua! responde a voz dos ventos na cúpula das micaias.  
E o luar de cabelos de marfim nas noites de Murrupula  
e nas verdes campinas das terras de Sofala a nostalgia sinto  
das cidades inconstruídas de Quissico  
dos chindjinguiritanas no chilro tropical de Mapulanguene  
das árvores de Namacurra, Muxilipo, Massinga  
das inexistentes ruas largas de Pindangonga  
e das casas de Chinhanguanine, Mugazine e Bala-Bala  
nunca vistas nem jamais sonhadas ainda.

Oh! O côncavo seio azul-marinho da baía de Pemba  
e as correntes dos rios Nhacuaze, Incomáti, Matola, Púnguè  
e o potente espasmo das águas do Limpopo.  
Ah! e um cacho das vinhas de espuma do Zambeze coalha ao sol  
e os bagos amadurecem fartos um por um  
amuletos bantos no esplendor da mais bela vindima.

E o balir pungente do chango e da impala  
o meigo olhar negro do xipene  
o trote nervoso do egocero  
a fuga desvairada do inhacoso bravo no Funhalouro

o espírito de Mahazul nos poentes da Munhuana  
o voar das sécuas na Gorongoza  
a xidana-kata nas redes dos pescadores da Inhaca  
a maresia no remanso idílico de Bilene Macia  
o veneno da mamba no capim das terras do régulo Santaca  
a música da timbila e do xipendana  
o ácido sabor da nhantsuma doce  
o sumo da mapsincha madura  
o amarelo quente da mavúngua  
o gosto da cuácua na boca  
e o feitiço misterioso de Nengué-wa-Suna.

Meus nomes puros  
dos tempos de livres troncos de chanfuta, umbila e mucarala,  
livres estradas de água  
livres pomos tumefactos de sémen  
livres shingombelas  
e chigubos completamente livres!

Grito Nhazilo, Eráti, Macequece  
e o eco das micaias responde Amaramba, Murrupula, Nuanacamba  
e nos nomes virgens eu renovo o seu mosto  
e sem medo um negro queima as cinzas e as penas de corvos de  
[agoiro  
não corvos sim manguavavas  
no esconjuro milenário no nosso invencível Xicuembo!

E um som de xipalapala exprime  
os caninos amarelos das quizumbas ainda  
mordendo agudas glandes intumescidas de África  
antes da circuncisão ébria dos tambores incandescentes da lua  
[nova.